

revista adventista

ÓRGÃO OFICIAL DA IGREJA ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA EM PORTUGAL

MIRIAM, ARMA SECRETA

Por KIT WATTS

ENQUANTO CORRIA, a areia rangia-lhe de baixo dos pés. A pequena sombra escura projectada pelo seu corpo seguia-a rapidamente. A boca secava-se-lhe. Os pulmões pareciam arder-lhe no peito. Mas continuava a correr, atravessando aquela paisagem de pleno verão, dirigindo-se para uma pequena cabana da cor da terra e do sol.

Precipitando-se por uma pequena abertura na fresca escuridão dum compartimento de terra batida, exclamou ofegante:

— Vem!

Agora dois vultos emergem da negra abertura para o brilho abrasante do deserto. Nem uma brisa agitava o calor irradiando do solo. Nenhuma corrente de ar fazia mexer a roupa de branco algodão. Mas a tórrida temperatura do sol meridiano não conseguia impedir que avançassem.

A jovem tomou a dianteira, correndo ao longo da linha verde que assinala a junção do deserto

Da Série «Mulheres da Bíblia»

com a margem do rio. Para além das canas altas e imóveis, o sol intensificava o seu brilho na água ondulante, numa dança de esplendor.

— Estão!... — sussurrou ela ansiosamente, enquanto se detinha.

Adiante, um pequeno grupo de mulheres nos seus finos vestidos compridos e leves, olhavam fixamente para uma caixa pousada mesmo à beira da água. Ainda ali estavam. Tinham ficado à espera.

A jovem escutou se o bebé chorava, mas não ouviu nada. Num momento chegou também a sua mãe, que corria atrás dela. Ambas se aproximaram da princesa do Egípto.

— A minha serva encontrou uma arca no meio dos juncos — disse a filha de Faraó às duas escravas —, lá dentro estava este menino hebreu. Toma-o e cria-o para mim; e te darei um salário.

A escrava murmurou o seu assentimento enquanto se curvava reverentemente. Tirando a criança da sua caixa de juncos, uma serva colocou-a nos braços da mulher hebreia.

O sol não abrandara e a brisa continuava a não soprar. Mas as duas mulheres pareciam voar sobre o deserto como nuvens ao vento, a mãe — carregada e forte — embalando o filho nos braços, a jovem pulando na frente como se trouxesse consigo a chuva da Primavera.

Esta era Miriam. Naquele mesmo momento se modelava o seu destino.

Os candidatos políticos falam às vezes com apreço dum amigo, ou olham ternamente para uma esposa ou uma filha e dizem: «Tenho comigo uma arma secreta. Tenho a certeza de que serei eleito.»

(Continua na página 4)

Verdadeira Felicidade

Pode dizer-se que a felicidade é a aspiração mais elevada do coração humano. Não há ninguém — dotado de bom senso, é claro — que não deseje ser feliz. Realmente, quando uma pessoa se convence de que nunca será feliz, não lhe resta nenhuma razão válida para continuar a viver. No íntimo, todos os seres humanos aspiram a uma vida melhor do que a que temos. Queremos viver uma vida livre de ansiedade e repleta de felicidade e de segurança.

Mas a verdadeira felicidade não depende de factores externos. O apóstolo Paulo, escrevendo aos Filipenses, diz: «... já aprendi a contentar-me com o que tenho» (Fil. 4:11). Podemos, pois, afirmar que a verdadeira felicidade, nesta terra, é uma conquista do espírito; é um estado de alma completamente independente das circunstâncias em que nos encontramos.

Vejamos alguns conselhos oportunos para conseguir um tal estado de alma:

1. Temos de ser gratos a Deus por aquilo que possuimos. Isto implica, evidentemente, contentarmo-nos com o que temos — muito ou pouco.

Um sábio indiano disse certa vez: «Quando eu era rapaz chorava porque não tinha sapatos. Deixei de chorar quando vi uma criança, aleijadinha, sem pés!»

2. Expulsar o egoísmo. São poucas as pessoas que se sentem mais infelizes do que os egoístas; estes vivem continuamente atormentados, não tanto pelo que não possuem, mas pelo que os outros possuem. Sofrem quando ambicionam coisas e privilégios de que não necessitam, mas simplesmente porque não podem ver que outros os desfrutem. Desconhecem, totalmente, a expressão inspirada: «Mais bem-aventurada coisa é dar do que receber».

3. Não invejar. A inveja é consequência imediata do egoísmo. Todos temos sido, directa ou indirectamente, vítimas da inveja. Salomão chamou-lhe «podridão dos ossos» (Provérbios 14:30). Não tenhamos inveja daquilo que os outros têm.

4. Não ter ódio, nem ressentimento, nem procurar vingança. Estes traços de carácter opõem-se à felicidade. Efectivamente, tais sentimentos provocam uma secreção de adrenalina que fornece ao indivíduo forças para lutar, quando se encontra perante um perigo inesperado e iminente. Ora o

contínuo derrame de adrenalina prejudica o coração, os rins, o fígado, etc. Noventa e oito por cento das operações da vesícula e dos rins são devidas aos males produzidos pela ira e irritação.

Consideremos agora os factores positivos que devemos procurar para atingir a felicidade que almejamos:

1. Antes de mais, temos de encarar de frente a realidade e tomar consciência do carácter transitório da vida. Sabemos que a vida é fugaz e que não a temos na mão.

2. Procuremos viver em paz: conosco mesmos, com o próximo e com Deus.

a) Vivamos em paz conosco mesmos, cumprindo incansavelmente o nosso dever. Bem o disse o apóstolo Paulo perante o tribunal do governador Félix, em Cesareia: «... Procuro sempre ter uma consciência sem ofensa, tanto para com Deus, como para com os homens» (Actos 24:16). Quando temos a consciência calma, experimentamos grande satisfação pelo dever cumprido.

b) Vivamos em paz com o próximo: amando, perdoadando, ajudando os necessitados, dizendo no momento oportuno uma palavra boa e consoladora.

c) Vivamos em paz com Deus. Para isso temos de obedecer ao Pai Celeste, cumprindo com alegria e constância a Sua vontade.

Trata-se, como dissemos, da felicidade fugaz e transitória que podemos obter nesta terra. Não é esta, porém, a FELICIDADE (com letras maiúsculas) que Deus nos preparou para toda a eternidade. Esta única e verdadeira felicidade tem de ser eterna, porque se o não fosse, não seria verdadeira, pois bastaria o pensamento de que a poderíamos perder para nos tornar infelizes. Só no Céu, onde viveremos eternamente na companhia de Deus, graças ao sacrifício infinito do nosso divino Salvador, é que gozaremos a felicidade que nunca terá fim.

Até lá, procuremos a felicidade que agora se nos oferece, e que se encontra num estado de alma sereno, graças à fé e à comunhão com o Céu, mantendo-nos em boa consciência conosco mesmos, com o próximo e com Deus.

A. Baião

SUMÁRIO

Miriam, Arma Secreta
Verdadeira Felicidade
«Estai Vós Apercebidos»
Zelo sem Entendimento
Saúde — Alimentação — Temperança
O Pastor Ernesto Ferreira Fala do Colégio Adventista de Sargunto
História do Mês
Tem a Palavra o Leitor
Notícias do Campo
Caixa de Perguntas
Breves Notícias do Mundo Adventista

revista adventista

ÓRGÃO OFICIAL DA IGREJA ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA EM PORTUGAL

Publicação mensal

OCTUBRO DE 1975

ANO XXXVI

N.º 349

Director: ANTÓNIO SIMÕES
LOPES BAIÃO

Administrador:
JOAQUIM DIAS

Proprietária e Editora:



PUBLICADORA ATLÂNTICO
S. A. R. L.

Redacção:
R. JOAQUIM BONIFÁCIO, 17
LISBOA

Administração:
RUA SALVADOR ALLENDE,
LOTE 18, 1.º
SACAVÉM

Composto e impresso na
TIP. ANTUNES & AMILCAR, LDA.
Alam. D. Af. Henriques, 1 - C — Lisboa

Preços:

Assinatura Anual: 50\$00
Número avulso 5\$00
Estrangeiro 70\$00

“estai vós apercebidos”

Os Hippies e Cristo

ROMA — A Rádio Vaticano entrevistou o Padre Carmelo Conti Guglia, da Oblata de Maria Imaculada, que trabalha entre os hippies que se agrupam nas praças de Roma. O padre declarou que, nas conversas com eles, aborda assuntos da sociedade, da moral, da Igreja, de Cristo e de Deus. Acentuou, no entanto, que Cristo é sempre o centro das preocupações de todos.

(O Ministério)

Babel nos E. U. A.

WASHINGTON — Nos Estados Unidos, trinta milhões de pessoas falam línguas estrangeiras. Entre elas, seis milhões de hebreus, 860 000 indianos e 50 000 esquimós. Cerca de 210 igrejas adventistas, reunindo 22 000 crentes, celebram os seus serviços religiosos em línguas estrangeiras.

(Tell)

Declínio da Igreja Católica em França

PARIS — A Igreja Católica em França está a enfrentar algumas realidades tristes. Apesar de 90 por cento dos franceses serem baptizados católicos, as estatísticas revelam que apenas cerca de 20 por cento vão à missa uma vez por semana. O número de sacerdotes desceu de 41 000 em 1965 para 37 000 este ano e prevê-se que baixe ainda para menos 32 000 no ano próximo.

(Signs of the Times)

Desafio ao Perigo

WASHINGTON — Apesar do perigo de cancro, os americanos fumaram no ano passado um número recorde de cigarros. A Comissão Federal de Comércio registou 602,2 biliões! A mesma Comissão, num relatório apresentado ao Congresso dos Estados Unidos, recomendou que se estampem nos maços de cigarros advertências mais enérgicas do que aquelas que já são obrigatórias e que o Governo intensifique a actividade dos seus serviços públicos de campanha contra os perigos do tabaco.

(Signs of the Times)

Primeira Santa Americana

WASHINGTON — Elizabeth Ann Seton, canonizada em Setembro, coincidindo com as comemorações do Ano Santo, torna-se a primeira santa americana. Atribui-se à Sr.ª Seton o estabelecimento das Irmãs da Caridade de São José, especializadas em trabalho de caridade e educação, a introdução do sistema das escolas paroquiais na América e a fundação do primeiro hospital católico americano.

(Signs of the Times)

Norma Real

LONDRES — O Príncipe Carlos, herdeiro do trono britânico, disse não ter nenhuma intenção de usar cabelos compridos ou de procurar tornar-se popular frequentando o Clube dos Playboys. Declarou, numa convenção da Sociedade dos Editores de Revistas, acreditar que a família real tem «uma parte a desempenhar na elevação das normas e valores humanos».

(Signs of the Times)

Legislação Dominical para Reduzir a Inflação

MERCHANTVILLE, E. U. A. — O Presidente Ford tem sido instado por uma comissão da Aliança Dia do Senhor «a seguir uma política de bom senso económico, tomando seja quais forem as medidas necessárias para reduzir a actividade dos negócios a seis dias por semana». «Chamaremos a sua atenção para a prática cada vez mais generalizada de fazer funcionar os negócios sete dias por semana e nalguns casos 24 horas por dia», disse o Dr. Samuel A. Jeanes, de Merchantville, presidente da Comissão de Assuntos Nacionais da Aliança Dia do Senhor nos Estados Unidos. O dirigente daquela Aliança louvou o Presidente Ford pelos seus esforços para reduzir a inflação. A seu ver, o reforço das leis dominicais é uma maneira simples de «reduzir os preços e ao mesmo tempo de conseguir algumas soluções a problemas relacionados».

(The Ministry)

MIRIAM,

(Continuação da primeira página)

É minha convicção que, quando Deus decidiu fazer uma nação de um grupo de escravos impacientes e murmuradores, precisou de Miriam. Em certo sentido, ela tornou-se a arma secreta do Êxodo. Miriam encontrava-se sempre nas fronteiras da audácia e da coragem, bem como nas linhas avançadas da fé. Possuía também outros dons mais subtis: persistência, esperança, dedicação. Dons que, com suavidade mas também com firmeza, ligaram e uniram um povo subjugado.

A Influência da Mãe

O destino de Miriam, como o dos seus dois irmãos mais novos, não pode separar-se do facto de haver tido uma mãe competente e dedicada. Joquebed, mulher extraordinária, deu ao mundo o primeiro sumo sacerdote de Israel, uma poetisa e profetisa e um legislador e chefe sem rival.

Mas naquela hora, com Aarão de três anos e a jovem Miriam ao seu lado, ela devia iniciar a educação de Moisés. O que quer que Joquebed deu a Moisés e que impediu que ele se perdesse em 28 anos de vida numa corte dissoluta, também deu a Miriam e a Aarão, acorrentados como estavam ao trabalho árduo, à ignorância, às chicotadas e imprecações. Moisés ou Miriam, qual dos dois precisaria mais da educação que lhes foi dada? Moisés foi para um palácio. Miriam teve de curvar-se a fabricar tijolos e a trabalhar nos campos, enquanto de longe podia ver o irmão trajando os ricos vestidos do Egipto e comendo as finas iguarias.

Quem pode avaliar a vida dum escravo? Opresão e fadiga passam do dia para a noite e da noite para o dia num interminável ciclo infernal. Mas os capatazes não podiam extorquir a Miriam a sua esperança. No bairro dos escravos Miriam cantava. E na atmosfera nocturna o seu canto era como uma inundaçãõ de optimismo:

«Deus certamente nos visitará. Ele nos fará sair desta terra para a terra que Ele prometeu, a terra prometida aos nossos pais, a Abraão, a Isaac e a Jacob.»

Certa noite um mensageiro chegou apressado à cabana. Falava num tom baixo e tenso:

— O vosso Moisés matou um egípcio e enterrou-o na areia!

Na casa havia silêncio como o da própria morte. Seria isto o início da prometida liberta-

ção? O rumor correu pelo campo dos escravos como um cavalo a galope.

No dia seguinte dois hebreus lutavam um com o outro, quando Moisés passou por eles.

— Porque lhe bates? — perguntou Moisés.

O hebreu imediatamente disparou:

— Quem te pôs a ti por maioral e juiz sobre nós? Pensas matar-me como mataste o egípcio?

Aos 40 anos Moisés era um assassino, e logo teve de tornar-se um fugitivo.

E Miriam? Poderia ainda cantar? Moisés tinha sido aparentemente o herdeiro do trono e um general tão apreciado que merecia o aplauso e a estima de todos os soldados do Egipto.

Moisés tinha-se revelado uma promessa de vir a ser o libertador do seu povo. Agora tinha-se escapado durante a noite. E Miriam continuava a ser uma escrava.

Durante 40 anos, o nascimento e a morte, o trabalho e o sono exausto, marcaram a fisionomia dos hebreus. Mais tarde, quando Moisés viria a regressar do deserto, as pragas irromperiam no Egipto e a nação dos escravos rebeldes amontoar-se-ia do outro lado do Mar Vermelho, contemplando os corpos mortos dos soldados do exército real. Nessa altura falar-se-ia de Miriam como «a profetisa» (Êxodo 15:20). Certamente que essa reputação não foi adquirida durante as poucas semanas em que Moisés e Aarão fustigaram o palácio de Faraó com ameaças de cataclismos e destruição.

Não foi Miriam a arma secreta do Êxodo, a profetisa do acampamento dos escravos, aquela que alimentou a pequena flama da fé no meio da grande escuridade da escravidão? Aquilo que fez os seus irmãos comparecer corajosamente diante de reis e de príncipes levou Miriam a entoar as canções espirituais que despertaram os escravos hebreus.

Quarenta anos. Aarão tivera uma visão de que o seu irmão fugitivo, pastor de ovelhas, surgiria da areia e das rochas para salvar o seu povo. Libertação, sim! Miriam não desesperara da libertação. Mas Moisés? Quem saberia o que se estava passando com ele? No entanto, uma atmosfera de expectativa começou a mitigar a sede das suas esperanças e do seu povo.

Quando Aarão e o seu irmão quase esquecido chegaram a Gosen, os anciãos apinharam-se em volta deles. Moisés lançou no chão a sua vara e ela tornou-se numa serpente que se retorcia. Meteu a mão debaixo da sua capa. Quando a

ARMA SECRETA

retirou, apareceu cheia de lepra. Depois, mergulhou no rio um vaso de pedra e despejou no chão a água que logo se transformou em sangue. O povo creu e adorou o Senhor.

Luta de Vontades

Começou a grande luta de vontades. Enquanto Moisés e Aarão pediam a libertação da escravidão, Faraó respondia tornando a escravidão ainda mais penosa. Estabelecia-se a confusão entre os hebreus. Iria Moisés ganhar ou perder? Quando a vaga das maldições caiu sobre o Egípto, não era Miriam quem circulava entre o povo, interpretando as acções dos irmãos, exultando quando a vantagem era deles, aguentando firme quando a situação se invertia? Miriam, a arma secreta do Êxodo.

Finalmente, na escura hora da décima praga, passou o anjo da morte. Entre o pranto das mães egípcias pelos seus filhos e o choro dos filhos pelos seus pais, os filhos de Israel iniciaram a marcha para o deserto. Moisés, Aarão e Miriam foram os guias daquela multidão.

Quando se levantou o Sol, também se levantou uma grande nuvem. Moisés disse que o Senhor estava na nuvem. E a nuvem moveu-se decididamente na direcção do Mar Vermelho, onde a multidão parou junto das águas. A passagem para o sul era cortada por alta barreira de montanhas. Então, atrás deles, viram brilhar as armaduras dos soldados e ouviram o ruído dos carros. Os egípcios aproximavam-se.

Os escravos recém-libertados estavam a ponto de entrar em pânico. Mas Moisés disse simplesmente:

— «Estai quietos, e vede o livramento do Senhor» (Êx. 14:13).

Sobre a multidão que gritava, a nuvem cresceu e elevou-se como coluna de fumo, para descer e se interpor aos que vinham decididos a capturar os hebreus. A noite caiu, mas a nuvem brilhava sobre o acampamento de Israel. E, à palavra do Senhor, Moisés estendeu a sua vara para o mar. Utilizando um forte vento oriental, o Senhor afastou a água e fez aparecer uma passagem seca pelo meio do mar. Pela calada da noite, enquanto a luz da nuvem do Senhor fazia brilhar as cristas das vagas, os israelitas marcharam sobre a terra enxuta para a margem distante. Aterrorizados, voltaram-se para ver os egípcios que os seguiam. Mas subitamente soltaram-se os elementos. Moisés

estendeu a sua vara e as águas tornaram a fechar-se fragorosamente. Ao amanhecer, os hebreus encontraram apenas corpos vestidos de malha espalhados pela costa.

Nesse momento Moisés começou, verso por verso, a cantar:

«Cantarei ao Senhor, porque sumamente
Se exaltou; lançou no mar o cavalo e o
seu cavaleiro. O Senhor é a minha força
e o meu cântico; Ele me foi por salvação.»

Verso por verso, o povo lhe ia respondendo. Então, aquela voz que durante 80 anos havia cantado no bairro dos escravos, elevou-se para entoar o estribilho:

«Sim, cantai ao Senhor, porque sumamente se exaltou.»

Respondendo a uma voz que conheciam como as ovelhas conhecem o seu pastor, as mulheres de Israel uniram-se a Miriam, em coro:

«Cantai ao Senhor, porque sumamente
Se exaltou.»

O dia foi dedicado à grande celebração. A voz do povo podia ouvir-se ao longe através do deserto e do mar.

Construindo uma Nação Nova

O ano seguinte viu a construção duma nação nova. Os acontecimentos foram espectaculares. Miriam viu sair água da rocha quando o povo fraquejava e as crianças choravam com sede. Começou a cair o maná. O Senhor deu a vitória sobre os aguerridos Amalequitas. No Sinai, Miriam esteve de pé diante da montanha de Deus e ouviu os trovões que acompanharam a proclamação do Decálogo. Moisés desceu da montanha carregado com as tábuas de pedra, e Aarão foi humilhado por ter fundido o bezerro de ouro.

Quando chegou o momento, os artífices e as costureiras construíram um tabernáculo segundo o modelo que Moisés recebeu do Senhor. Aarão, humilde e arrependido, foi investido com o cargo de sumo sacerdote. Moisés apareceu com leis civis e sanitárias, organizou o acampamento, fez o recenseamento de Israel. Finalmente, cheia de esperança, a jovem nação deixou as planícies do Sinai onde havia sido tocada pelo dedo de Deus.

Mas mal havia o povo iniciado a longa marcha para as fronteiras de Canaã, que, em rápida sucessão, três crises se dispararam como armadilhas aos seus pés.

Primeiro, foram vencidos pelo temor do deserto na sua frente, e o relato diz simplesmente que o povo murmurou. Foi este o pecado de Tabera. Fogo do Senhor foi o sinal do castigo.

A seguir, a multidão mista começou a recordar-se da boa comida a que tinha acesso no Egito.

— «Coisa nenhuma há senão este maná diante dos nossos olhos» — lastimavam-se eles. — «Quem nos dará carne a comer?»

Depois de o Senhor mandar um forte vento que lhes trouxe codornizes, caiu uma praga sobre os que haviam murmurado. Este foi o pecado de Quibrote-Hataavá.

Mas a terceira crise foi uma armadilha suficientemente subtil para enlear um chefe. Atingiu a própria Miriam.

Numa tarde modorrenta, preguiçosamente instalada à porta da sua tenda, ela começou a dizer aos que paravam para saudá-la:

— «Porventura falou o Senhor somente por Moisés? Não falou Ele também por mim e por Aarão?»

A profetisa sentia ciúmes. Sem consultar a ela nem a Aarão, Moisés tinha escolhido 70 anciãos para o ajudarem a julgar o povo. Fizera-o a conselho do seu sogro e com a benção e aprovação de Deus. O dom profético tinha-se manifestado naqueles anciãos quando se apresentaram diante do Senhor no tabernáculo.

A imperturbável Miriam sentia-se ameaçada pela mulher de Moisés, Zípora. Imaginava que Zípora e o pai, Jetro, haviam tido demasiada influência sobre Moisés. Aarão aceitou facilmente o ponto de vista de Miriam quando esta lho apresentou. Não tinham sido chamados a dar o seu conselho para esta mudança na administração do povo. Decidiram apresentar ao povo a sua queixa.

Deus interveio directamente. Miriam e Aarão foram convocados ao tabernáculo. Moisés ficara no calmo ambiente do interior do tabernáculo, esperando por eles. Então o Senhor, falando da nuvem, que se deslocou para a porta do tabernáculo, chamou Aarão e Miriam. Não negou as qualidades de chefes nem os dons proféticos que possuíam. Mas, de Moisés, disse:

— «Boca a boca falo com ele, e de vista, e não por figuras, pois ele vê a semelhança do Senhor. Porque pois não tivestes temor de falar contra o Meu servo, contra Moisés?»

Castigo Imediato

Para assinalar o intenso desprazer de Deus, a nuvem, que normalmente se encontrava sobre o tabernáculo, desapareceu. Instantaneamente Aarão

voltou-se para falar à sua irmã. Mas o rosto desta estava pálido e inchado. Estava leprosa!

Aarão recuou, gritando para Moisés:

— «Não ponhas sobre nós este pecado, que fizemos loucamente!»

Então Moisés voltou-se para o Senhor e clamou:

— «Não, não! Ó Deus, rogo-Te que a cures!»

O Senhor respondeu apontando o facto de que, se ela houvesse cometido uma ofensa contra o seu pai, deveria suportar a sua vergonha durante sete dias. Certamente que falar contra Moisés era um pecado grave. Miriam foi por isso banida do acampamento durante sete dias. Toda aquela população, em respeito por Miriam e sentindo a dor do golpe que a ferira, ficou no acampamento à espera do seu regresso.

Miriam era uma arma secreta. Era forte. E era também estimada. Parece que a sua tão grande influência terá levado Deus a agir com extrema rapidez. Quem, melhor do que Miriam, poderia com tão grande facilidade arruinar Moisés? Não se tratava duma pacata sonhadora sentada sobre as dunas a compor poemas ou entoando canções. Era inteligente, lógica e enérgica. Poucas outras pessoas mereceram de Deus tão drástico castigo e humilhação. Talvez apenas o rei David se possa incluir na mesma categoria quando Deus o julgou abertamente por homicídio e adultério.

A história de Miriam, como é narrada nas Escrituras, termina de maneira simples e breve.

Depois da reintegração de Miriam no seu povo, não volta a ser mencionada durante os próximos 30 anos de peregrinação pelo deserto. Os anos de peregrinação foram tantos quantos os que Moisés havia passado longe do Egito, os anos em que, com o seu dom profético, Miriam havia sustentado a esperança no meio de um povo de escravos. Continuou agora ao lado de Moisés. Uma geração de incrédulos pecadores foi sendo sepultada pelo deserto sem ver a Terra Prometida. E finalmente, em Cades, Miriam morreu também e foi sepultada.

Séculos depois, quando o profeta Miqueias lançou um olhar sobre a Terra Prometida, viu o seu povo adorando ídolos sob o reinado de um rei ímpio. No meio das suas profecias, Miqueias exprimiu as palavras de Deus na linguagem de um pai triste e desolado. Procurando despertar o povo e fazê-lo abandonar os seus loucos pecados, Miqueias invocou a arma secreta de Deus.

Falando em nome de Deus, disse:

— «Ó povo Meu! que te tenho feito? e em que te enfadei? testifica contra Mim. Certamente te fiz subir da terra do Egito e da casa da servidão te remi; e pus diante de ti a Moisés, Aarão e Miriam. Povo Meu, ora lembra-te...»

É possível que a memória daquela grande mulher tenha desempenhado uma parte na reforma que Miqueias pôde ver realizada, porque, no reinado do próximo monarca que ascendeu ao trono de Israel, o povo voltou-se novamente para Deus.

Este artigo, escrito sem qualquer intenção de atacar pessoas, embora baseado na observação de factos, foi há algum tempo publicado na Revista Adventista, no Brasil, e deu ali origem a um despertamento que resultou no regresso de um bom número de crentes às fileiras da Igreja Remanescente. A segunda parte do assunto será incluída no número da nossa Revista do mês de Dezembro.

Benito
Raymundo

Zelo sem Entendimento

(PRIMEIRA PARTE)

ESTREMEÇO da cabeça aos pés quando ouço dizer que o Irmão Fulano é muito zeloso e firme nos princípios! (Dos outros.) Não que seja contrário àqueles que levam a sério a religião de Cristo e procuram servir a Deus com toda a sinceridade e inteireza de coração. Longe de mim tal sentimento de malquerer aqueles irmãos zelosos, cheios de entusiasmo e que são verdadeiras colunas da Verdade! Que seria da Igreja sem estes abençoados irmãos que tomam sobre os seus ombros a carga e nos ajudam a levar avante a Obra do nosso Deus?

Não existe nada mais entristecedor que ver irmãos desanimados, apáticos, alheios aos interesses espirituais e morais da sua igreja.

Entretanto, existe uma classe de pessoas, cheias de zelo, preocupadas excessivamente pela aparência dos seus semelhantes, que, por falta de entendimento, exercem uma influência negativa na igreja. Refiro-me àqueles que se fazem consciência para os demais e que estão prontos a chicotear e a dar bengaladas em todos quantos diferem do seu modo acanhado de ver as coisas.

É este tipo de zelo que me faz temer e estremecer, porque, faltando-lhe entendimento e misericórdia, é muito mais prejudicial que a própria indiferença.

Será? Duvida? Então vejamos.

O Irmão X, conhecido como homem firme nos princípios (dos outros), tornou-se um terror para um grande número de membros da sua igreja, principalmente o que temos de mais precioso, os jovens e juvenis.

Convicto de que a alegria, mesmo a mais singela e trivial, é falta de consagração e um grave pecado, o Irmão X é duro no trato e pesado na palavra como um sargento inculto no comando duma tropa. O seu sorriso por entre os dentes, raro como dinheiro em carteira de pobre, é mais uma ameaça que um convite à camaradagem.

Zangado, taciturno e violento, este pobre irmão investe furioso contra todos quantos se atrevam a mostrar-se felizes na sua presença. Convencido de que o seu papel é representar a ira de Deus contra o maldito pecador, o Irmão X é uma ameaça constante para a sua igreja, criando uma atmosfera de insegurança, de mal-estar, de ódio que envenena até mesmo o próprio ar que os irmãos respiram.

As suas conversas giram sempre sobre o comportamento (dos outros), focando naturalmente o lado pior de cada um, no que se tornou exímio, capaz de descobrir os podres de um irmão, de um pastor, mesmo à primeira vista.

Para esse santo irmão, pouca gente tem algum valor. Os únicos que ainda arrancam algum louvor dos seus lábios, são os já quase defuntos, que não podem mais participar em nada das actividades da vida.

Inimigo número um da alegria e de tudo que diz respeito à juventude, esse Irmão X transformou-se, sem o perceber, em um fervoroso apóstolo do pessimismo, um verdadeiro embaixador da melancolia.

— Se estes jovens prestassem e vissem os seus pecados — diz ele constantemente —, viveriam a chorar e a lastimar-se em vez de estarem sempre a arreganhar os dentes. Recreação? Hora social? O que essa cambada precisa é de enxada! — pontifica o sisudo nosso irmão.

— No meu tempo, a gente trabalhava de sol a sol, e quando chegava a noite, o que mais se desejava era uma cama. Não havia tempo para se pensar em palhaçadas! Hoje em dia...

E por aí vai o Irmão X exprobandando e condenando como uma ave agoureira, semeando ao longo do seu áspero caminho as sementes do descontentamento, da discórdia, dando assim uma falsa ideia da religião de Cristo, fazendo parecer aos que o observam, que ser cristão consagrado, dedicado, é ser um ente infeliz, neurasténico, im-

pertinente, absolutamente afastado das puras e saudáveis alegrias da vida.

Quando, na realidade, ser cristão é ser incomparavelmente feliz, riosamente alegre, infinitamente amável, tolerante, paciente e pleno de amor.

Os irmãos da igreja, empolgados por suas veementes objurgatórias contra o pecado (dos outros), crendo que estavam diante de um João Baptista ou de um Elias, elegeram-no ancião da igreja, conferindo-lhe autoridade e poder, o que nunca deveriam ter feito. Foi então que o zelo sem entendimento do Irmão X atingiu o zênite da sua maldição.

De vergasta em punho, distribuía em cada reunião uma saraivada de impropérios contra a juventude, amaldiçoando os pais e crivando de anátemas os pastores e obreiros.

As descomposturas que à porta da igreja dirigia às irmãs, por qualquer coisa que, segundo o seu entendimento, não estava correcta, eram verdadeiras afrontas que indispunham famílias, criando casos difíceis de resolver.

Os jovens, um a um, vão-se afastando. As crianças, como animaizinhos assustados, vão para a igreja a chorar, temerosas das reprimendas, dos cascudos e dos beliscões do santarrão, que não pode ver um menino mexer-se no banco sem o fulminar com olhares ameaçadores.

As visitas desaparecem. Até os mais propensos ao farisaísmo estão cansados, enfadados, convictos de que a consagração nada mais é que a consequência duma vesícula peguiçosa.

Temo pelo futuro desta igreja! Temo pela sorte deste irmão e de todos quantos têm a desdita de conviver ao seu lado!

Pam! Pam! Pam! Estão batendo à porta. Deixem-me ver quem é...

— Oh, irmão! Então por aqui? (É o segundo ancião da igreja do Irmão X.)

— Sim, pastor, estou por aqui. O irmão já soube da última?

— Não! Que aconteceu?

— O Irmão X, pastor, passou para a Reforma.

— Mas como? Não me diga! Será possível?

— Pois é, o homem passou. Aliás, o caminho daquele irmão era esse. A santidade tem limite. Não acha, pastor? O homem era exagerado demais. Sabe, pastor? Parece até que com a saída do homem a igreja tomou fôlego! Foi uma pausa! E nós pensávamos que era um santo!

— Sabe, irmão, aquele zelo do Irmão X não é santidade. Aquilo é uma mistura de ignorância com alguma enfermidade. O resto é falta de educação.

— Pois é isso mesmo, pastor! Veja que nestes meses que o homem lá esteve, oito jovens deixaram a igreja! As visitas desapareceram desde que ele tomou conta das pregações. E o irmão precisava de ouvir as pregações que fazia! Era só para enervar a gente. Nunca teve uma palavra de estímulo, de encorajamento. Sobre Jesus, sobre

o amor, os belos temas da Bíblia, nunca falou! Ouvimos, este tempo todo, só amargas censuras, reprimendas e ameaças que faziam arrepiar até os cabelos! Bah! Nunca vi coisa igual. Felizmente, acho que deste nós estamos livres. Bom, pastor, vou andando. Ore por nós, pela nossa igreja e também pelo Irmão X! Quem sabe se um dia ele ainda se converte.

— Pois sim, irmão. Passe bem! Cuidado com os extremos. Lembre-se de que os extremos são perigosos!

Sim senhor! O Irmão X na Reforma. Era só o que faltava. Fico a pensar no que ele não fará por lá, naquele ambiente tão propício a este tipo de zelo.

Se entre nós, sem nenhum estímulo ao seu procedimento, ele atingiu tal grau de farisaísmo, imaginem agora ali, onde fiscalizar e criticar os outros é uma virtude!

Penso também no que será deste pobre irmão depois da lavagem ao cérebro que os reformistas costumam aplicar aos trãnsfugas! Temo que nem eles mesmos venham a suportá-lo.

Cuidado, senhores reformistas! O Irmão X já tem dose demais de zelo sem entendimento. É preciso muita prudência e sabedoria para conservá-lo nas vossas fileiras. Permiti-me que vos dê algumas orientações para guiardes o Irmão X às culminâncias do farisaísmo, sem lhe prejudicar a aparência de santidade que sempre fez questão de ter.

Lembrem-se, em primeiro lugar, de que o Irmão X é um perfeccionista da vida alheia e que não é qualquer rosto desfigurado pelo jejum, ou qualquer indumentária feminina que o satisfaz.

É provável que ele comece por exprobar as vossas esposas e filhas, censurando-as e ridicularizando-as, apontando para as suas maxi-saias e resmungando por entre-dentes que ainda há muita perna de fora! Tenham calma! Ele é assim mesmo! Isto faz parte da sua estudada santarrice. Mas ainda ficará pior, convivendo convosco.

O Irmão X adora rostos fechados, carrancas azedas e pessoas que saibam condenar os pecados dos outros (contanto que não mexam nos dele). É bom não esquecerem este pormenor.

Outra coisa com a qual precisam de ter cuidado é o desejo que ele tem de mandar. O Irmão X tem tendências violentas para a megalomania, e quem se atrever a fazê-lo baixar a grimpá pode arranjar uma encrenca para o resto da vida. Portanto, nomeai-o chefe de alguma coisa, ou de qualquer coisa, caso contrário poderá pôr em jogo a existência de todo o grupo.

Se notarem que o Irmão X anda cabisbaixo, sorumbático, taciturno, mal-humorado, distribuindo bordoadas nas crianças e implicando até com a tosse dos velhos, é sinal evidente de que lhe estão a faltar apreciações elogiosas. Neste caso, basta fazer em público referência aos seus gran-

(Continua na pág. 15)

Sente-se esgotado?

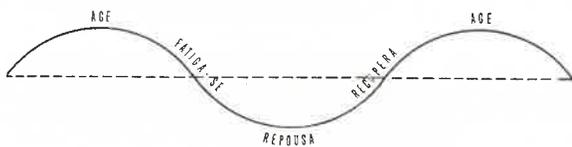
RECEIO cair num lugar comum ao afirmar que a vida é hoje, como nunca o foi outrora, uma vida de agitação, de pressas e de nervosismo.

Quem poderá contestar esta verdade tão evidente?

É sobejamente conhecido o elevado ritmo de agitação presente, no qual se encontra envolvida a esmagadora maioria das pessoas, com o seu cortejo de nocivas consequências, as quais são, mais ou menos, conhecidas e suportadas por todos nós. Seria pura perda de tempo insistir na demonstração desta realidade. Provavelmente, quando o leitor reparou no título deste artigo, terá sentido logo o desejo de o ler, porque se sente, também, tantas vezes, esgotado.

Consideremos o caso de uma pessoa que leva um ritmo de vida equilibrado. Nos nossos dias estes casos são, infelizmente, as excepções. Seremos nós, afortunadamente, uma dessas excepções? Possivelmente a resposta é negativa. No entanto, qualquer que seja a nossa idade ou a nossa actividade profissional ou ainda as condições de família que nos limitam, nós devíamos ansiar por um ritmo mais equilibrado de actividade, no decurso dos anos que Deus nos concede de vida.

Uma actividade bem balanceada, coerente e inteligentemente distribuída, com as suas naturais e desejáveis consequências, pode representar-se na forma indicada no quadro I:



QUADRO I

- 1) O indivíduo age. Agir faz parte da natureza humana. A acção pode ser muscular, mental ou verbal, etc. Tudo é acção.
- 2) Essa acção produz uma sensação: a **fadiga**. É a consequência natural. Mesmo salutar.
- 3) A acção afrouxa; depois detém-se. A fadiga aumentou. Chega a hora do repouso. O indivíduo fatigado repousa completamente.
- 4) O indivíduo recupera e volta, naturalmente, à acção.

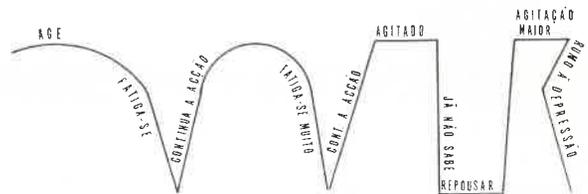
O homem que trilha o caminho da sua vida num ritmo efectivamente inteligente e duradouro deve, pois, passar regularmente **da acção ao**

repouso e do repouso à acção, tendo, ao centro, o sinal respeitável da fadiga.

É nosso dever insistir que são as pessoas deste calibre aquelas que podem, efectivamente, realizar melhor a sua missão quer ela seja de ordem manual, intelectual ou duma diversidade envolvendo ambos os tipos.

Observemos agora o homem no estado em que se encontra elevada percentagem de indivíduos hoje em dia; estado que é por muitos considerado normal, em face das exigências da vida presente; mas que não é, de modo algum, normal, em face das potencialidades psicofisiológicas com que Deus dotou o ser humano.

Reparemos, então, no quadro II:



QUADRO II

- 1) Age mal (porque está fatigado).
- 2) Como consequência do seu estado e da acção que realiza, atinge um elevado grau de fadiga; mais ou menos rapidamente conforme as pessoas e as circunstâncias.
- 3) Mas não liga importância ao facto de se encontrar muito fatigado e continua a acção.
- 4) Atinge o máximo da fadiga. Está positivamente «estoiado».
- 5) Ainda assim continua a repelir a fadiga e chega ao esgotamento; atinge a fronteira da depressão.

E a desejável norma:

AGE — FATIGA-SE — REPOUSA — VOLTA A AGIR

Transforma-se em:

AGE — AGITA-SE — ESGOTA-SE — JÁ NÃO SABE REPOUSAR — TORNA A AGIR — E AGITA-SE AINDA MAIS PARA LOGO SE DEPRIMIR, ETC.

E sucedem-se as situações já expressas, com grande pesar do indivíduo, como é evidente em

(Continua na pág. 15)

O Pastor Ernesto Ferreira fala do Colégio A

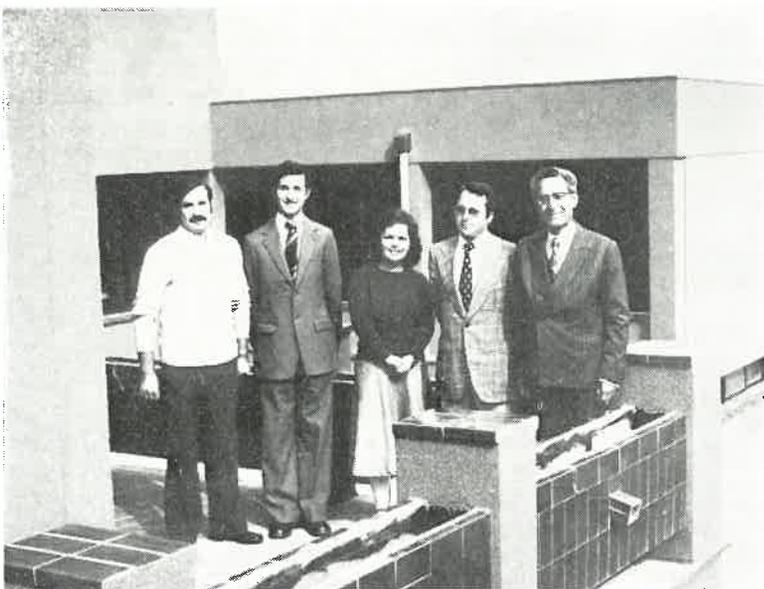
SITUADO a uns três quilómetros da histórica cidade de Sagunto, o Colégio Adventista, sucessor do Seminário fundado em 1943 em Madrid e transferido para Valência em 1967, começou a funcionar em Outubro de 1974.

O terreno em que está colocado ocupa cerca de dez hectares e suas actuais instalações compreendem um edifício central com escritórios, salas de aula, biblioteca e dormitório de meninas, outro edifício destinado a capela, refeitório e dormitório de rapazes, e, finalmente, um terceiro edifício onde habita o director da instituição.

O ambiente natural é maravilhoso — com seus pinheiros e alfarrobeiras, com seus perfumados rosmaninhos e tomilhos, com as encostas de duas colinas como pano de fundo, com extensos pomares de laranjeiras a espriarem-se, fora da propriedade, por vários quilómetros, dominados pela velha fortaleza de Sagunto e limitados pelas águas brilhantes do Mediterrâneo.



Alunos de Teologia e Pedagogia



Finalistas com o seu Conselheiro

Os cursos oferecidos são os seguintes: Teologia (para Instrutoras Bíblicas, Obreiros Bíblicos, Evangelistas e Evangelistas Licenciados), Pedagogia, Curso Secundário (espanhol) e Língua e Cultura Hispânica.

É director do Colégio o Prof. Raul Posse, com uma experiência enriquecida por largos anos de serviço em vários colégios adventistas da América do Sul, e que recentemente visitou algumas igrejas de Lisboa e arredores. O director académico é o Prof. Roberto Badenas, bem conhecido em Portugal. O pessoal docente é composto por uma dezena de professores.

Durante o ano lectivo que acaba de terminar estudaram na instituição uns setenta alunos, assim distribuídos por nacionalidades: 16 americanos, 3 portugueses, 1 caboverdeano, 1 francês, 1 suíço, sendo espanhóis os restantes.

Ao fazermos o balanço das actividades deste ano podemos dizer francamente que foi um ano de alto nível e de elevadas consecuições.

adventista de Sagunto



Alunos portugueses em Sagunto

O programa espiritual e missionário, com reuniões matutinas e vespertinas nos dormitórios, com as reuniões de pôr-do-Sol de sexta-feira e de culto solene nos Sábados de manhã, com as saídas missionárias nos Sábados de tarde, em que participaram tanto alunos como professores, contribuiu para o cunho adventista que sempre se notou.

O carácter do ensino foi positivamente sério e eficiente.

A vida social foi, por seu lado, inegavelmente sã.

Os exercícios de clausura tiveram lugar de 20 a 22 de Junho, tendo quatro finalistas recebido seus diplomas — um de Pedagogia e três de Teologia.

Algumas perguntas farão sem dúvida os leitores da **Revista Adventista**:

1. Como se deram em Sagunto os alunos portugueses? Eles próprios poderão testemunhar que se sentiram bem e aproveitaram muito. Foi o que por várias vezes ouvimos

ao José Carlos da Costa, da igreja da Figueira da Foz, que aqui esteve com sua esposa e filho, e foi nomeado ancião da igreja do Seminário; ao Emanuel Paulo Mendes, de Vila do Conde; ao Guilherme Vieira Lima, de Brava, Cabo Verde; e à Nelly Martins, de Setúbal. Os portugueses sentiram-se estimados e perfeitamente integrados no ambiente.

2. Valerá a pena os jovens portugueses frequentarem o Colégio de Sagunto? Indubitavelmente, vale a pena. A par de uma educação cristã em ambiente sã, poderão preparar-se para a vida e para o ministério, a preços muito mais acessíveis do que em qualquer outra escola similar adventista.

3. Quando se iniciará o próximo ano escolar? As inscrições terão lugar nos dias 21 e 22 de Setembro, sendo a inauguração do Curso no dia 23.

Aos jovens adventistas portugueses o Colégio de Sagunto estende as suas mais cordiais boas-vindas.



Antes de uma saída para a Campanha das Missões



A HISTÓRIA DE UM MENINO SUJO

CARLOS era um menino que não gostava de tomar banho. Muitas vezes a mãe tinha de o chamar à atenção porque a sua roupa estava com nódoas ou os sapatos sem brilho. Desde a manhã até à noite, podíamos ouvir a mãe repreendê-lo, quer por uma coisa quer por outra. Não penteava o cabelo, não gostava de cortar as unhas, ia para a mesa e sempre se esquecia de lavar as mãos. Era a aflição da mãe, que por vezes lhe dizia: «Qualquer dia alguém te dará uma grande lição, pois a mim já não ouves o que te digo!»

E esse momento chegou numa noite fria de Inverno. Carlos, antes que a mãe o pudesse ver, correu para a cama às escondidas... deitou-se, e ali ficou quietinho, aguardando o chamado da mãe, mas entretanto adormeceu!... De repente viu-se, sonhando, num lindo jardim florido, onde havia muitos rapazes e meninas que brincavam alegres e felizes com diversos animais: coelhos, pássaros, etc., os quais ali estavam sem terem qualquer receio. Ele também se aproximou para poder brincar, mas viu uma figura, que lhe parecia semelhante a um anjo, que se aproximava dele.

— Aonde vais, menino?

— Vou... vou brincar também com os animais, — foi a resposta de Carlos.

— Bem, — disse-lhe aquela bela figura, — vou acompanhar-te.

E Carlos seguiu, acompanhado, até que chegou perto dum coelho que comia uma cenoura, das mãos de uma menina. Mas, mal se aproximou, o coelhinho disse:

— Que queres tu no nosso reino?

— Também quero brincar, — respondeu timidamente.

— Mas aqui nós, os coelhos, só brincamos com crianças que sejam obedientes aos seus pais e que gostem de andar limpas, pois como tu estás sujarás o nosso pêlo branco.

Carlos seguiu e foi ter com um cordeirinho de olhar muito meigo.

— Que desejas? — perguntou-lhe o animal.

— Brincar contigo — foi a resposta.

— Mas como poderei brincar contigo se estás todo sujo, e assim sujarias também a minha lâ? Não! Procura outra companhia.

Desanimado foi ter com uma linda pombinha, cujas brancas penas reluziam à luz do Sol.

— Que fazes aqui?

— Quero brincar contigo, pombinha, pois ninguém quer brincar comigo neste jardim!

— Claro, como tu estás! Ficáremos como tu, mas olha: Do outro lado do jardim há uns bichinhos que gostam de ser como tu e ali poderás brincar!

Esperançoso, Carlos agradeceu à pomba e foi a correr para o outro lado do jardim. Qual não foi o seu espanto quando deparou, naquele recanto sujo e barrento, com uns porquinhos que brincavam e se enrolavam na lama. Espantado, procurou a gentil figura que o acompanhava, mas viu que ela ficara na outra parte do jardim com os outros meninos. Sentiu-se só e teve medo. Horrorado, quis então fugir, mas um dos porquinhos disse-lhe:

— Olá, companheiro! Venha brincar conosco!

— Mas eu não sou porco, ouviu? Sou um menino e não quero ficar neste lugar horrível e sujo... Quero as flores do jardim...im...im...

— E em soluços voltou desesperado gritando. E gritando ficou, até que a mãe aflita o sacudiu e o acordou, perguntando-lhe o que tinha acontecido!

Foi então que percebeu que tinha sonhado e, ainda em soluços, contou à mãe o sonho que tivera e prometeu não mais ser descuidado, mas pronto a cuidar do seu corpo.

Foi uma lição para Carlos, lição que o ajudou a tornar-se num menino cuidadoso e aseado.

Erlinda Malty

tem a palavra o leitor

As cartas ou artigos a publicar nesta secção devem trazer sempre o nome e o endereço do autor. Terão preferência os textos menos longos. Os pontos de vista apresentados podem não representar a opinião dos editores da Revista e a sua publicação não envolve qualquer responsabilidade denominacional.

O DOGMA DA TRINDADE

Muita confusão existe, hoje em dia, no respeitante a uma das doutrinas das Sagradas Escrituras que mais baralha a inteligência humana: aquela a que se convencionou chamar «O Dogma da Trindade».

Ao estudarmos este complexo tema, não devemos esquecer-nos das palavras inspiradas de Moisés: «As coisas encobertas são para o Senhor nosso Deus, as reveladas são para nós e para os nossos» (1). Assim pensando, concluiremos que, neste mundo, encontraremos coisas de possível entendimento para nós — as reveladas — e outras que não conseguiremos compreender — as encobertas.

Quando, no início do Livro Sagrado, nos é dito «no princípio criou Deus os céus e a terra» (2), a palavra que o tradutor verteu, do original hebraico, como «Deus», não é outra senão «El-hoim», palavra que significa «Deuses» no sentido de mais de dois deuses, já que é um vocábulo no plural. Convém dizer que o hebraico tem três tipos de palavras: o singular, o dual e o plural, pertencendo «El-hoim» ao plural (3). Logo, no princípio, na criação, interferiram **mais de dois deuses criadores**.

É difícil compreender como isto é possível mas, não teria S. Francisco de Sales razão, ao dizer «Meu Deus, quão pequeno serias se a minha inteligência Te pudesse compreender!»?

Para facilitar a compreensão vamos começar por estudar cada uma das Pessoas componentes da Trindade, separadamente.

Deus — o Pai

Encontramos o Pai dizendo ao Filho: «Façamos o homem» (4), o que nos prova que colaborou directamente na criação da raça humana. A conversa entre Pai e Filho, porém, não se limitou às palavras atrás transcritas. Disse mais o Senhor: «Façamos o homem à Nossa imagem, conforme à Nossa semelhança» (4). Com este aumento talvez consigamos saber um pouco mais acerca de Deus.

Fala-nos o relato de ser, o homem, criado **conforme à semelhança de Deus** (do Pai e do Filho — note-se, no texto, o pronome possessivo na primeira pessoa do plural). Devemos entender essa semelhança com o Criador, no aspecto do carácter; teria, o homem, um carácter semelhante ao de Deus. Da mesma forma nos diz Moisés que fomos criados **à imagem de Deus**, devendo nós inferir que fomos criados com um corpo que tem muito de parecido com o de Deus.

Porque, em virtude de certos textos que não são explícitos, alguns poderão contrapor que Deus, o Pai, não tem corpo algum, é plausível que terminemos este estudo acerca d'Ele com os seguintes enxertos:

«... o Pai é toda a plenitude da Divindade **corporalmente**, e invisível aos olhos mortais» (5).

«Quando Adão saiu das mãos do Criador, **trazia ele em sua natureza física**, intelectual e espiritual, **a semelhança do seu Criador**. 'Deus criou o homem à Sua imagem' (Gén. 1:27), e era Seu intento que, quanto mais o homem vivesse, tanto mais plenamente revelasse esta imagem, reflectindo mais completamente a glória do Criador» (6).

«No princípio o homem foi criado à semelhança de Deus, não somente no carácter, mas **na forma e no aspecto**» (7).

Deus — o Filho (Jesus)

Embora negada por alguns religiosos, a divindade de Jesus é um facto mais que provado. Bastará, portanto, fazer referência a alguns, poucos, textos que nos suportarão neste artigo, só como factor de sequência no estudo.

Um dos textos que mais clarifica o assunto é aquele em que o evangelista nos relata o brado de Tomé ao ver Jesus ressuscitado: «Senhor meu e Deus meu!» (8) Jesus não o repreendeu nem desmentiu, facto que nos prova que Ele, efectivamente, era Deus. Outro texto que no-lo prova é aquele que diz: «No

princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus» (9). O terceiro texto que apontaremos é da pena de S. Paulo; diz ele: «aguardando a bem-aventurada esperança e o aparecimento da glória do **grande Deus e Nosso Senhor Jesus Cristo**» (10).

Quanto à Sua forma corporal, creio que não haverá dúvida que Ele possuiu um corpo semelhante ao nosso, com o qual ascendeu e descerá no último dia (11). São também da pena de S. Paulo as palavras «n'Ele (Jesus) habita, **corporalmente**, toda a plenitude da divindade» (12).

Deus — o Espírito Santo

«O Espírito Santo é o representante de Jesus, mas despojado da personalidade humana, e dela independente» (13). Quanto à Sua divindade também não existem dúvidas. Alguns dos textos que nos provam esse facto são:

1.º — Pedro, falando com Ananias, disse-lhe que mentira ao Espírito Santo (14), acrescentando que mentira, não aos homens mas a Deus (15).

2.º — Paulo, escrevendo aos crentes da igreja de Corinto, diz-lhes que o corpo humano é «o templo do Espírito Santo» (16). Sabendo que só Deus merece templos, e que somos «o templo de Deus» (17), só podemos concluir que o Espírito Santo é Deus.

Além desta notória afinidade entre Espírito Santo e Deus, não devemos esquecer-nos que «Deus é Espírito» (18) e se, como já vimos, Deus — o Pai — tem um corpo, então só se o Espírito Santo for Deus é que a afirmação do evangelista está de acordo com a verdade que cremos estar em toda a Bíblia.

Também temos de considerar o facto de os escritores bíblicos nos terem deixado várias indicações respeitantes a atributos que, sendo atributos de Deus, o são também do Espírito Santo. Estão neste caso, por exemplo, a eternidade — «quanto mais o sangue de Cristo, que pelo **Espírito eterno**, se ofereceu a si mesmo...» (19) — e a onisciência — «... porque o **Espírito penetra em todas as coisas**, ainda as profundezas de Deus» (20). — isto só para dar dois exemplos.

Visto isto concluímos que o Pai, o Filho e o Espírito Santo são três personagens divinas, conquanto Pai e Filho tenham corpo e o Espírito Santo não o tenha. Chegamos, agora, a um ponto que não poderemos aceitar senão pela fé, sentimento que «é o firme fundamento das coisas que se esperam, e a prova das coisas que não se vêem» (21).

A Trindade

Alguns grupos religiosos afirmam que a doutrina da Trindade não é bíblica. Outros, por falta de estudo, colocam essa doutrina na «prateleira» do «supremo mistério». Porém, ao estudarmos as Escrituras, encontraremos provas da origem bíblica da doutrina da Trindade e, também, conseguimos levantar um pouco o véu do mistério—tanto quanto por Deus nos é concedido.

Ao lermos o relato do baptismo de Jesus obteremos uma prova de que as três Pessoas da Trindade são Pessoas distintas. Encontramos Jesus sendo baptizado—na Terra—o Pai falando—no Céu—e o Espírito Santo—descendo sobre Jesus—«em forma corpórea, como uma pomba» (22).

Porém um texto há que, de não aparecer em alguns manuscritos antigos—razão pela qual os «religiosos» que negam a biblicidade do dogma trinitarista o apodam de espúrio—está no original saído da pena do evangelista, que reza: «Porque três são os que testificam no Céu: o Pai, a Palavra, e o Espírito Santo; e estes são um» (23). Em virtude do que já vimos, relativo à distinção entre as três Pessoas, temos que concluir que esta unicidade é, tem de ser e só pode ser de ordem espiritual—no carácter e na vontade.

Para que possamos compreender a Trindade devemos pensar, também, no assunto sob um outro aspecto. Vimos que Pai, Filho e Espírito Santo são três Pessoas divinas. Muitos poderão dizer que cada uma dessas Pessoas é um Deus, mas isso não corresponde à verdade, já que lemos «... e entendais que Eu Sou o mesmo, e que antes de Mim Deus nenhum se formou, e depois de Mim nenhum haverá» (24).

A união entre Pai, Filho e Espírito Santo é-nos compreensível se repararmos que, quando Jesus comissionou os Seus discípulos, as Suas palavras foram «Ide, ensinai todas as nações, baptizando-as em nome do Pai, e do Filho e do Espírito Santo» (25), fazendo-nos a afirmação bastante concreta de que **Pai, Filho e Espírito Santo têm um nome comum.**

Agora compreendemos. Conforme lemos, antes e depois de Deus nenhum outro Deus se formou, esse único Deus tem um nome e esse nome é comum a três Pessoas divinas.

Tanto quanto nos é possível compreender, Deus é a união—no carácter, atributos e vontade—de Pai, Filho e Espírito Santo; estes três sofreram quando da morte do Filho e rejubilaram quando da Sua ressurreição. Pai, Filho e Espírito Santo nos amam de tal maneira que ofereceram Jesus em sacrifício «para que todo aquele que n'Ele crê não pereça, mas tenha a vida eterna» (26).

(1) Deutêronómio 29:29. (2) Génesis 1:1. (3) Ver primeiros capítulos do livro «Relatório sobre Jesus Cristo». (4) Génesis 1:26. (5) Ellen G. White, *Evangelismo*, pág. 614. (6) Idem, *Educação*, pág. 15. (7) Idem, *O Conflito dos Séculos* (ed. portuguesa), pág. 474. (8) S. João 20:28. (9) S. João 1:1. (10) Tito 2:13. (11) Actos 1:11. (12) Colossenses 2:9. (13) Ellen G. White, *O Desejado de Todas as Nações*, pág. 499. (14) Actos 5:3. (15) Actos 5:4, u. p. (16) I Coríntios 6:19. (17) I Coríntios 3:16. (18) S. João 4:24. (19) Hebreus 9:14. (20) I Coríntios 2:10. (21) Hebreus 11:1. (22) S. Lucas 3:21, 22. (23) I S. João 5:7. (24) Isaías 43:10, u. p. (25) S. Mateus 28:19. (26) S. João 3:16.

Armando Cottim
Amadora

EU E O ESPÍRITO SANTO

«Porque Deus é o que opera em vós tanto o querer como o efectuar...» Filip. 2:13.

Que maravilhoso pensamento: somos **instrumentos** onde Deus opera... Este tem sido o assunto que mais tem retido a minha atenção nos últimos tempos. O estudo profético ocupou grande parte da minha atenção na minha vida cristã. Mas penso que não há matéria mais apaixonante do que esta: a **operação do Espírito Santo em nós**. Temos a verdade... é irrefutável... Sabemos muito da Bíblia... certo... mas que sabemos nós a respeito

do **Espírito Santo**? Que sabemos nós da nossa **maior necessidade que nos habilita para a vida eterna**? Gostaria de referir dois importantes factores: (1) O Espírito Santo habitando em nós. (2) O Espírito Santo actuando em nós.

1. **O Espírito Santo habitando em nós.** «Não sabeis vós que sois o Templo de Deus e que o **Espírito de Deus habita em vós?**» (I Cor. 3:16) Estamos aqui perante uma afirmação da maior importância. A obra da nossa salvação é muito íntima, peculiarmente do lado de dentro da alma humana. Deus sabia muito bem que a **única** maneira de salvar o homem **era entrar nele**

(homem), habitar na sua vida e no seu coração. **O que se podia fazer do lado de fora da alma**, Cristo fez no Calvário. Jesus consumou o plano da nossa salvação... «E quando Jesus tomou o vinagre, disse: **Está consumado...**» (João 19:30). Uma vez feito este trabalho, absolutamente indispensável à salvação do homem, **Jesus retira-Se**, declarando: «... digo-vos a verdade, convém que Eu vá, porque se Eu for, o Consolador (Espírito Santo) não virá a vós, mas se Eu for **enviar-vol'O-ei**» (João 16:7). A obra de tornar o crente justo, santo, **é obra feita somente pelo Espírito Santo** que habita no coração do homem. Claro que se a nossa situação perante Cristo está distorcida, não podemos compreender o trabalho do Espírito Santo em nós. O Espírito Santo **opera** na base já lançada por uma aceitação do sacrifício de Jesus, como Salvador pessoal. O homem é salvo pela fé em Jesus. Porém só o Espírito Santo **pode fazer um homem justificado**, realmente justo. Notemos que o trabalho do Espírito Santo em nós é precisamente converter a justiça e santidade **posicionais** em justiça e santidade **experimentais**.

A obra do Espírito é tornar a nossa posição diante de Deus **uma experiência**. Isto é: fazer do crente um ser realmente santo, justo em carácter e não apenas em **posição**. Em posição, entenda-se aceitar doutrinas, guardar o Sábado, aceitar a Lei, etc., etc., não passando desta situação, podemos dizer de **posicional**. A nossa salvação abrange não só o que Jesus fez por nós mas também o que o Espírito Santo quer fazer em (dentro de) nós. «Assim que agora nenhuma condenação há para os que estão em Cristo Jesus, que não andam seguindo a carne **mas segundo o Espírito**» (Rom. 8:1).

O Espírito Santo tornou a nossa salvação **uma realidade**. Sem Cristo não havia possibilidade de salvação. Sem o Espírito Santo **não há realidade de salvação**. Notemos as palavras de Jesus: «... **porque vos convém que Eu vá**, porque se Eu não for, o Espírito Santo não virá a vós...» (João 16:4-15). Existe aqui uma referência a que «após a actuação de Jesus **outro** continuaria esse trabalho; Esse é o Espírito Santo.

2. **O Espírito Santo actuando em nós.** Para falarmos da actuação do Espírito Santo, vamos em primeiro lugar ficar tristes... Na verdade há um lamentável erro, quase universal a este respeito. Estamos aqui falando aqui **do nosso trabalho, da nossa actuação como cristãos**. Podíamos em primeiro lugar pôr uma pergunta: Que é trabalho missionário? Será alguma coisa **que fazemos por Jesus?** De uma maneira geral os membros, em sua actuação

cristã, como maridos, esposas, campanhas missionárias, e outros casos, pensam que estão **fazendo algo por Jesus**, pela igreja. **Isto está errado**. Trabalhando pela nossa igreja, sendo um cristão exemplar, **não estamos fazendo nada por Jesus**, mas é Jesus que através do Espírito Santo **está fazendo este trabalho através de nós**. Disse Paulo: «... e vivo não mais eu mas Cristo vive em mim, e a vida que agora vivo na carne, vivo-a na fé do Filho de Deus...» (Gál. 2:20). Assim como os incrédulos fazem as obras do Senhor a quem servem (Satanás), nós, como vivos dentre os mortos, somos instrumen-

tos de justiça nas mãos do nosso Senhor, que pelo Espírito Santo habita em nós. «O Espírito de verdade, **Ele vos guiará** em toda a verdade...» Palavras de Jesus. Se tão-somente nos deixarmos conduzir por esse Agente da Divindade, Ele opera em nós tanto o querer como o efectuar. Cria em nós força, poder, Ele é pois a força motriz da nossa vida. Enquanto o Espírito Santo está operando em nós, a Bíblia nos exorta a cooperar com o Espírito Santo, com tremor e temor. **Deixar**, em suma, que Ele actue em nós. Esta é a **nossa cooperação, deixar** que Ele opere em nós. Para isso é fundamental **enterrar o eu**. O

Velho homem ou mulher **tem de morrer**. Como diz o Espírito de profecia a respeito dos discípulos? «O Espírito Santo animava-os, e **falava por intermédio deles...**» (Actos dos Apóstolos, pág. 46). «Em vez de aguardar um tempo futuro, em que, mediante um dom especial de poder espiritual recebam uma habilitação miraculosa para conquistar almas, **rendem-se diariamente a Deus, para que os torne vasos próprios para Seu uso**» (Actos dos Apóstolos, pág. 55).

Carlos Baptista Ávila
Angra do Heroísmo

Zelo sem Entendimento

(Continuação da pág. 8)

des dotes e tecer bombásticos comentários sobre os seus grandes planos para atacar a Igreja Grande. E pronto! Vereis o sorriso aparecer, iluminando o seu pérfido semblante.

Outra coisa a que deveis estar atentos é o descontentamento do Irmão X. Como na maioria dos vossos enganados seguidores, o fraco do Irmão X é o descontentamento. Tendes porém a técnica como ninguém para tratar com tais problemas e não necessitais de instruções sobre este assunto. Basta que o trateis como tendes tratado todos quantos se passaram para o vosso lado. Focalizai os pecados e as abominações da Igreja Grande, desviando assim a sua atenção do que vai por detrás dos vossos bastidores, o que daria assunto para ocupar a atenção e o tempo de todos os piedosos reformistas nas suas variadas ramificações.

Enquanto ele estiver ocupado connosco, não terá tempo para observar toda a miséria e confusão que existe no vosso meio!

Ponde-lhe nas mãos as armas da mentira, da cavilação e da astúcia!

Ensinai-lhe os golpes das leituras truncadas e da falsificação dos trechos inspirados.

Adestrai-o na arte de angariar fundos (em nome da Igreja Grande), usando as nossas revistas e fotografias, para a vossa assistência social que não existe.

Ponde-lhe sobre os ombros a capa de cordeiro que usais para dissimular as intenções de lobos quando visitais as nossas igrejas.

Ensinai o Irmão X a entrincheirar-se atrás do Espírito de Profecia, escolhendo apenas o que vos convém, e também a desprezar completamente a Bíblia e ainda assim conservar o apelido de reformadores, e tereis por muitos e longos dias mais um autêntico demolidor, mais um Golias para

afrontar os exércitos do Senhor, até que um David, com os pequeninos seixos da Verdade, venha interromper a sua malfadada e esdrúxula carreira.

(Continua)

Sente-se esgotado ?

(Continuação da pág. 9)

tantas pessoas com quem diariamente convivemos.

Quantas pessoas não conhecemos nós que se podem rever nesta triste situação? E quantas pessoas não se estão aproximando cada vez mais de um estado em que irão engrossar as fileiras deste grupo?

Como podemos desfrutar os fulgores íntimos do bem-estar que estão de facto, ainda e apesar de tudo, ao alcance da pessoa humana?

Como podemos ser uma bênção em face das reais e vitais necessidades do nosso semelhante, perante quem temos uma missão a cumprir?

E numa situação deprimente, como podemos tornar-nos um efectivo meio de atrairmos almas para Cristo?

As energias que Deus nos concedeu não são para ser dispensadas num único e curto período da nossa vida, mas sim para **gostar** progressivamente, na realização duma vida salutar, equilibrada e laboriosa, que se deve prolongar pelos anos fora, honrando assim o Criador, sendo uma bênção para o semelhante e desfrutando de uma mais fecunda realização pessoal.

Permita Deus que todos nós possamos extrair um proveito salutar destas considerações e que, iluminados pela graça do Senhor, possamos imprimir à nossa vida aquele ritmo que nos levará a melhor traduzirmos a imagem de Deus em nós.

J. M. Matos

notícias do campo

IGREJA DE ODIVELAS

Campanha das Missões

Se bem que silenciosa no que diz respeito a notícias para a nossa Revista, a Igreja de Odivelas não tem contudo estado inactiva.

Desde o princípio do ano, grande parte da igreja mostrou o seu intenso desejo de colaborar na evangelização da vila de Odivelas, indo de porta em porta levando literatura a uma população calculada em mais de 70 000 almas.

A primeira grande oportunidade para um trabalho missionário mais intenso, foi a Campanha das Missões. No primeiro domingo de Março, todos os jovens e um bom número de irmãos mais velhos, com o pastor à frente, saíram batendo às portas, apresentando a revista e solicitando a sua aquisição. A recepção do público foi excelente, muito melhor do que nos anos anteriores, apesar do aumento do custo da revista.

Na primeira semana foi alcançado 1/3 do nosso alvo e os restantes 2/3 foram alcançados nas duas semanas seguintes. Quando o pastor Benito Raymundo, Departamental das Actividades Leigas, planejou vir a Odivelas para incentivar a Campanha, já tínhamos o alvo alcançado! Todos os irmãos em geral se compenetraram do seu dever e tomaram a peito fazer o seu alvo individual e muitos a ajudar ainda os que, ou por doença, velhice, ausência, ou mesmo fraqueza espiritual, não faziam o seu alvo. Nessa parte a colaboração dos jovens foi preciosa, pois não sendo um bom número deles baptizados, não tendo por conseguinte alvo pessoal a alcançar, muitos não fizeram apenas um alvo, mas dois e até mesmo três. Não podemos deixar de destacar também o exemplo de uma irmã, jovem ainda mas mãe de dois filhos, que decidiu tomar à sua responsabilidade visitar as casas em volta da nossa sala de culto, enquanto a filhinha mais nova ficava a dormir na igreja. Tão bem sucedida foi que, à sua conta fez mais de 4 alvos. Uma outra irmã vendeu todas as suas revistas num prédio apenas. O mais importante porém foi que nesses contactos encontrou uma senhora com uma filha de 16 anos, que se mostrou muito interessada em conhecer a



Membros recém-baptizados na Igreja de Odivelas

nossa fé. Desde então ambas estão frequentando a nossa igreja, tendo assistido à Acção 75 com muito entusiasmo, estando agora a receber estudos em sua casa.

Acção 75

«Acção 75» terminou. Uma jovem que não faltou a uma única reunião e que foi baptizada no fim da Campanha de Evangelização, dizia ao pastor: «Que pena a 'Acção 75' não durar todo o ano!» Mas não durará realmente? Terá terminado com a última reunião do dia 25 de Maio este esforço evangelístico? Creio bem que «Acção 75» só devia terminar quando chegasse a «Acção 76» e assim sucessivamente até à vinda do Senhor Jesus.

O que foi a «Acção 75» na Igreja de Odivelas? Boa? Má? Razoável? Qual destes termos irei usar para classificar esta Campanha? Decido-me pelo razoável. Do ponto de vista de assistência de membros, gostaríamos de poder dizer que a maioria colaborou com a sua presença nas reuniões. Infelizmente não foi verdade. Houve irmãos que poucas vezes estiveram presentes por motivos aceitáveis, mas outros, com um pouco de esforço, poderiam ter estado presentes mais vezes. Outros não estiveram presentes em nenhuma reunião, ou por morarem longe, ou por falta de interesse. Animou-nos, porém, a boa vontade e o esforço daqueles que nunca ou raramente faltaram. A sua constante presença foi um estí-

mulo para os que tiveram a seu cargo a solene tarefa de apresentar ao público as mensagens de advertência para esta hora. O Senhor, que tudo conhece, não deixará de os recompensar.

Os jovens colaboraram magnificamente nas reuniões, não só com a sua presença mas também tomando parte activa na apresentação de coros, solos e poesias, sempre sob a liderança do seu Director M.V. José Manuel Ferreira. Também foi com prazer que ouvimos o Grupo Maranhata que também veio colaborar connosco numa noite, o que muito agradecemos.

Além do pastor da igreja, as mensagens foram também apresentadas pelo Dr. Samuel Ribeiro. A igreja de Odivelas agradece-lhe a boa colaboração.

Tivemos uma média de 23 visitas, com um máximo de 50. Atendendo a que a igreja conta no seu registo 59 membros, sentimo-nos satisfeitos com esta boa percentagem. Em muitas noites o número de visitas foi superior ao de membros. Algumas irmãs, poucas infelizmente, colaboraram no grupo de oração, antes de cada reunião da noite. Bem hajam!

As crianças tiveram motivos de sobejo para delirar! Sob a direcção da irmã Esmeralda Ferreira e a colaboração da irmã Maria José de Freitas, os mais pequenos beneficiaram de reuniões excepcionais com programas bem escolhidos e bem apresentados, constando de lição bíblica, histórias,

cânticos e motivos bíblicos para colorir. Com que entusiasmo as crianças eram as primeiras a chegar cada noite, desejosas de ocupar os seus lugares. A maior parte delas eram filhas de pais não adventistas, moradoras das vizinhanças da casa de culto, e pelo testemunho de seus filhos alguns pais vieram assistir a algumas conferências. A assistência média dos pequenos foi de 23, mas houve noites em que estiveram presentes 40. Alguns até se esqueciam de comer, para assistirem às reuniões. Foi difícil acomodá-las na pequena sala, mas valeu a pena. Algumas estão frequentando a Escola Sabatina Infantil. Os nossos agradecimentos às irmãs Esmeralda e Maria José. Sem o seu esforço teria sido impossível atender tantas crianças e dar-lhes um tão bom programa.

Acção 75 está para trás. Mas resta muito trabalho a fazer. É preciso contactar as pessoas que, esporádica ou regularmente assistiram às reuniões. Algumas estão já frequentando a classe baptismal e contamos vê-las descer às águas baptismais dentro em breve. Oxalá os membros colaborem com o Pastor para não deixar esmorecer o interesse despertado por este esforço evangelístico.

No final das reuniões tivemos a alegria de ver descer às águas 7 preciosas almas, sendo a maioria jovens. É sangue novo que entra na igreja, para a rejuvenescer em todo o sentido.

Presentemente a igreja está empenhada numa campanha de distribuição de literatura, tanto quanto possível em cada lar, a fim de fazer conhecer a igreja adventista de Odivelas, por meio de um folheto intitulado: «Os Adventistas

do Sétimo Dia — Que povo é este?» Desejariamos abrir o trabalho noutros lugares como por exemplo Caneças, onde já temos pessoas interessadas. Contamos com as orações dos irmãos que nos lerem, para que seja possível fazê-lo em breve.

Uma «Testemunha» Encontra Jesus Jeová

Entre as 7 pessoas que se baptizaram em Acção 75, conta-se uma antiga testemunha de Jeová. Tendo sido durante 8 anos evangélica, a irmã Idalina viu-se a certa altura assediada pelas chamadas «testemunhas». Tanto insistiram e persistiram em a convencer de que Jeová é maior que Jesus, que ela aceitou que realmente o Filho não é Deus e por conseguinte não interessa para a salvação das almas, e devia ser relegado para segundo lugar. Durante 6 anos aceitou essas ideias como as únicas verdadeiras, mas no fundo não se sentia feliz. Jeová era-lhe apresentado, não como um Deus de amor, mas vingativo, severo, sempre pronto a castigar os que não seguissem as ordens dos dirigentes das Testemunhas. Um Deus longínquo, que não se sente perto, que não é um Deus de amor. E ela sentia-se infeliz, miserável.

Há anos, passando perto da casa de uma nossa irmã que, enquanto trabalhava no seu quintal, cantava hinos a Deus, perguntou-lhe que cânticos tão bonitos eram aqueles, ao que a nossa irmã respondeu que eram da Igreja Adventista. Seguiu o seu caminho e não pensou mais na Igreja Adventista, da qual tinha ouvido dizer que tinha certas ideias esquisitas.

Os anos passaram, sentindo a falta de Jesus e Seu amor, que ela considerava indispensável no plano da salvação, apesar de lhe dizerem o contrário.

Um dia, tendo ficado desapontada com certas coisas que se passaram numa reunião do seu grupo, foi a casa de outra testemunha e contou-lhe as suas decepções e dúvidas sobre as doutrinas que estava seguindo. A resposta dessa sua amiga foi, que também ela tinha dúvidas, sobretudo depois de ter lido o livro «São as Testemunhas de Jeová porta-vozes de Deus?» no qual são desmascaradas as falsidades das doutrinas das Testemunhas. Pediu o livro emprestado, e levou a noite inteira a lê-lo. Sabendo que o livro era adventista, foi procurar a irmã adventista que ela ouvira cantar no quintal, para lhe perguntar onde era a igreja e se poderia ir com ela. No sábado, apesar de chover torrencialmente, lá estava em casa da nossa irmã, pronta a dirigir-se à igreja, onde chegou toda molhada, mas onde o calor da mensagem do Evangelho e do amor de Jesus depressa a aqueceu. Hoje, pela graça de Deus, alegra-se de ser uma Testemunha de Jesus, e fazer parte da Igreja Remanescente, a única Igreja verdadeira, «que guarda os mandamentos de Deus e tem o testemunho de Jesus».

Irmãos, orai pela igreja de Odivelas, para que a mensagem seja espalhada nesta vila e muitas almas aceitem a última mensagem de advertência ao mundo e estejam prontas para a vinda do Senhor.

Irene B. Ribeiro

IGREJA DE TOMAR

Desejamos através da Revista Adventista saudar todos os seus leitores e dar algumas breves informações sobre a Obra do Senhor nesta zona do Ribatejo.

Actividades missionárias

Desde o princípio do ano que a igreja se empenhou num trabalho sistemático de contactos pessoais e distribuição de literatura.

Em Janeiro p.p. realizou-se um curso de instrutores leigos, tendo no final recebido os seus diplomas trinta irmãos, que, deveriam, para além da teoria, demonstrar na prática o que tinham aprendido, através de uma actividade missionária imediata.

Para um trabalho mais pessoal e urgente imprimiu-se um folheto simples, mas de boa apresentação, intitulado «Jesus Vem», e que contém em poucas palavras a Mensagem que o mundo necessita. Este folheto foi bem recebido na cidade e arredores, tendo permitido uma



Membros recém-baptizados em Tomar

posterior penetração dos nossos Cursos bíblicos.

Há já algumas semanas que, com um bom grupo de jovens e adultos, nos estamos deslocando a uma povoação próxima de Ferreira do Zêzere, Mourelinho, na missão de evangelizar pela literatura e pregação o território que nos está confiado e onde muito pouco somos ainda conhecidos. Muitas pessoas têm ficado favoravelmente impressionadas e é assim que, aos sábados à noite, se estão fazendo reuniões na casa de uma nossa irmã ali, utilizando algumas projecções luminosas, cantando e orando, e falando da salvação através de J. Cristo. As pessoas têm aparecido e pedem-nos que continuemos a ir.

No que diz respeito à Campanha das Missões, estamos mui agradecidos ao Senhor pela magnífica oportunidade que nos deu e pela operação do Seu Espírito nesta actividade missionária. Todas as classes da E. Sabatina tinham o seu alvo e todas elas o alcançaram. Isto fez com que pela primeira vez a participação dos membros fosse mais numerosa e quase total, e que ao cabo de dez dias tivéssemos alcançado e ultrapassado o nosso objectivo financeiro. Como

é normal, isto veio trazer à igreja uma certa alegria e vivacidade e um melhor espírito de companheirismo e amor cristãos.

Plano de Mordomia

No pretérito mês de Fevereiro teve lugar, sob a direcção do então departamental da Associação, um curso de Mordomia com as respectivas reuniões de conselho e administrativa para preparação e aprovação do orçamento de igreja para o corrente ano.

Bem frequentadas, estas reuniões vieram trazer à igreja aqui uma nova visão da relação do Homem com o seu Deus no que diz respeito, em especial, aos meios que o Senhor coloca nas suas mãos.

Campanha de Evangelização — Acção 75

Como na maior parte das igrejas no nosso país, realizou-se de 3 a 25 de Maio p.p. uma série de palestras que veio interessar não apenas a maioria dos membros da igreja local, mas muito especialmente um número animador de não adventistas que regularmente assistiram às reuniões, derribando preconceitos e

manifestando a sua concordância e simpatia com a mensagem exposta. Nos dois apelos especiais feitos, puderam publicamente demonstrá-lo, vindo à frente e unindo-se à oração que pela sua decisão e conversão foi feita.

Ao terminar esta Campanha, uma sessão baptismal foi realizada para honra e glória de Deus, na qual seis confiantes almas, na sua maioria jovens, vieram engrossar as fileiras do «Remanescente» nesta região. Que o Senhor possa fazê-los colunas firmes no Seu Santo Templo.

Escola Cristã de Férias

Foi, para as crianças desta igreja, assim como para os seus amiguinhos não adventistas, uma bênção e uma alegria a nossa Escola Cristã de Férias. Dirigidas pela esposa do pastor local com a colaboração de duas das nossas jovens, cerca de vinte crianças puderam ser atraídas mais para Cristo e apreciar a vida e os dons que Ele lhes dá. Oramos para que o Senhor a conserve na Sua vinha e dê sabedoria aos seus pais para as educar na fé de Jesus.

Actividades M. V.

Para além da sempre preciosa colaboração nas actividades missionárias da igreja, os nossos jovens estão empenhados na sua própria valonização espiritual, cultural e física, através de algumas actividades.

Destacam-se entre outras: a realização em Junho de dois pequenos Acampamentos com a presença de quatro jovens do Entroncamento, num total de 25 participantes; e uma linda exposição de trabalhos manuais feita com a colaboração de alguns «amigos dos jovens». Quadros, bordados, bibelots, têm já sido adquiridos, sendo o seu produto para o desenvolvimento e progresso da Sociedade M. V. local.

Muito há para fazer. «A seara é grande e os ceifeiros são poucos»... Diante da vastidão do «campo» perguntamo-nos: «Quem é idóneo para estas coisas?» No Senhor, porém, pomos a nossa confiança e n'Ele nos esforçamos.

V. Miguel



Escola Cristã de Férias em Tomar

IGREJA DE SANTARÉM

Baptismos

Domingo, 25 de Maio de 1975, foi um dia de festa para a igreja de Santarém, que jamais poderá ser apagado da nossa memória. A última reunião da «Acção 75» desta igreja realizou-se em Lisboa, na igreja central. 63 escalabitanos (28 membros de igreja, 26 visitas e 9 crianças), tomaram lugar no autocarro que nos conduziu à capital. Ali tivemos o privilégio de ver descer às águas baptismas cinco preciosas almas: irmãs Deolinda da Fonseca Canário e Maria Alice Gonçalves Silva e os irmãos Luis Filipe Santos Ventura, Romualdo Pedro Gaião e Fernando da Conceição Gaião.

Oficiou a cerimónia o pastor Fernando Mendes, a quem aqui queremos expressar a nossa gratidão, bem como a todos os membros da sua igreja, pela maneira devida simpática e acolhedora com que fomos recebidos na igreja central.

Aos novos irmãos e irmãs que nestes tempos difíceis morreram para o mundo e ressuscitam para viverem em Cristo, queremos dar as boas-vindas ao seio da simpática família adventista de Santarém. Que em vós se cumpra a maravilhosa promessa de Apocalipse 2:10 (última parte) «Sê fiel até à morte e dar-te-ei a coroa da vida».

Aguardando a Ressurreição

No dia 9 de Junho findo adormeceu no Senhor, com 54 anos, a nossa saudosa irmã Maria José de Almeida. A extinta era natural de Almeirim, mas residia nesta cidade há muitos anos; onde foi baptizada na Igreja Adventista em 21 de Março de 1970. Devido às suas excelentes qualidades, a falecida era muito estimada pelas suas vizinhas. Por essa razão o seu funeral teve grande acompanhamento. Assim muitas foram as almas que tiveram o privilégio de ouvir a mensagem do regresso glorioso do Senhor Jesus, que muito em breve aparecerá nas nuvens do céu para levar para junto de Si aqueles que agora dormem n'Ele.

A família enlutada, não somente nós apresentamos as nossas sinceras condolências, mas queremos também dizer que a melhor honra que podem prestar àquela que os deixou será a de entregarem, como ela o fez, o seu coração a Jesus. Só assim poderão um dia voltar a viver na sua companhia.

Experiência

«Vale a pena ser fiel ao princípio do dízimo.»

Eis a conclusão a que chegou um simpático membro desta igreja. Jamais esteve de acordo em pagar o dízimo, dizendo que o Senhor Deus seria compreensivo para com ele, pois conhecia bem a sua vida. Deus porém não viu as coisas da mesma maneira e enviou a esta alma a correcção de que tinha necessidade. «Porque o Senhor corrige a quem ama, e açoita a qualquer que recebe por filho» (Heb. 12:7).

Durante quatro meses este membro não recebe um tostão da mensalidade que costumava receber cada mês. Aflita, sem alimento para dar aos filhos, esta pobre alma é forçada a apresentar o seu problema ao obreiro local. Imediatamente foram tomadas providências para que no seu lar voltasse a haver pão ao mesmo tempo que lhe fazíamos compreender que o Senhor não pode abençoar aqueles que retêm o dízimo. O dito membro concorda com as nossas palavras, pois já há bastante tempo que a mesma ideia o atormentava. De joelhos em oração, pedimos por esta alma, que por sua vez ora também e pede perdão a Deus, prometendo ser fiel no futuro.

Dia 1 de Julho findo, às 8 horas da manhã, a igreja de Santarém reúne-se em oração a fim de apresentar ao Senhor o caso deste membro em aflição, que agora aguarda com ansiedade a primeira oportunidade para mostrar a fidelidade que prometeu. A igreja em oração pede ao Senhor para que toque o coração de alguém que se encontra no estrangeiro, e de quem esta alma depende para a sua subsistência. Pois bem, nesse mesmo dia, o Senhor respondeu às nossas orações. Uma carta animadora com a data de 1 de Julho é enviada ao nosso membro. Dentro da mesma vinha o socorro para suprir as necessidades materiais, deste lar onde o pão se tinha acabado. Assim, pela primeira vez, o nosso simpático membro teve o privilégio de entregar ao Senhor o dízimo! E foi um dízimo de mil escudos!

Louvido seja o Senhor que não retém as suas bênçãos àqueles que Lhe são fiéis.

Querido leitor da Revista Adventista, quem sabe se tu também, não estás vivendo momentos aflitivos, com sérios problemas financeiros, porque estás guardando para ti o dízimo que pertence ao Senhor!

«Fazei prova de mim, diz o Senhor...» (Mal. 3:10).

Não queres tu, como este simpático membro da igreja de Santarém, fazer prova do Senhor?

Faz prova do Senhor e, como este nosso membro, poderás dizer muito em breve: «Vale a pena ser fiel ao princípio do dízimo!»

António Gameiro

caixa de perguntas

Secção a cargo de J. N. Branco

FOGO QUE NÃO SE APAGA

Isaías termina o seu livro dizendo (cap. 64:24): «Sairão e verão os corpos mortos dos homens que prevaricaram contra mim; porque o seu bicho nunca morrerá, nem o seu fogo se apagará; e serão um horror para toda a carne».

Pergunta: não se refere o profeta ao Inferno e ao fogo eterno?

E não será isto mesmo confirmado por S. Marcos 9:43-46, quando diz «ir para o inferno, para o fogo que nunca se apaga» e quando repete Isaías: «onde o seu bicho não morre, e o fogo nunca se apaga»?

— O vocábulo «inferno» que aparece em S. Marcos 9:43-48 traduz a palavra grega **geena**, e esta traduz a expressão hebraica Vale de Hinom, ao sul de Jerusalém, também chamado Tofete. (Veja-se Jeremias 19:2, 6, 11 e 12).

O **Dicionário Grego**, de Babster, ao referir-se a esse Vale, diz: «Foi outrora célebre pelo terrível culto de Moloque e, posteriormente, contaminado por toda a espécie de imundícies, tais como cadáveres de animais e corpos mortos de malfeitores. Com o fim de os consumir, para evitar a pestilência que semelhante massa de corrupção poderia ocasionar, mantinha-se constantemente aceso o fogo».

Deve notar-se que Isaías 66:24 não fala de homens vivos, dos quais se alimentavam os bichos, mas sim de cadáveres de homens. Em Isaías 37:36 traduz-se a palavra hebraica respectiva por «corpos» mortos; Em Jeremias 31:40 e Amós 8:3, também se apresenta a mesma tradução.

As expressões «Nunca morrerá», e «nem... se apagará», indicam, simplesmente, que esses agentes de destruição não deixarão de actuar até que concluam a obra que se lhes designou, isto é: até que tenham consumido tudo. Uma vez consumidos, o fogo apagar-se-ia, por falta de material para ser destruído.

O bicho os comerá (Isa. 50:9; 51:8) o fogo os consumirá como a palha (S. Mat. 3:12; Malaquias 4:1; Apoc. 19:8).

Como exemplo do emprego da expressão **«fogo que não se apagará»**, veja-se Jeremias 17:24-27 e II Crón. 36:19 e 21.

O primeiro texto declara que se os judeus não observassem o Sábado, o Senhor acenderia nas portas de Jerusalém um fogo que nunca se apagaria. A segunda declaração afirma que com este fogo «queimaram a casa do Senhor», e «todos os seus palácios queimaram a fogo», «para que se cumprisse a palavra do Senhor pela boca de Jeremias».

O bicho que não morre e o fogo que não se apaga são símbolos de destruição absoluta. Estes argumentos aplicam-se, igualmente, ao passo de S. Marcos 9:43-48.

Geena, como faz notar Wilson, «simboliza morte e destruição total, mas em nenhuma parte significa um lugar de tormento eterno».

breves notícias

do mundo adventista

★ Na Etiópia, no ano passado, dez congregações uniram-se à nossa Igreja por causa do Sábado. Aldeias inteiras estão a convidar-nos para lhes irmos ensinar acerca do verdadeiro Sábado bíblico. Um chefe não adventista tem insistido connosco para estabelecermos um hospital dentro da sua jurisdição, não só pelas necessidades do povo, mas porque guardamos o verdadeiro Sábado. Uma vez que a Igreja Copta já em tempos guardou o Sábado em toda aquela área, poder-se-ia chamar a isto um movimento de reforma segundo Isaías 58.

★ Os leigos da Divisão Inter-Americana tiveram nos cinco últimos anos uma acção directa na fundação de 543 novas igrejas. Também nos últimos cinco anos, os leigos de todo o mundo adventista deram um total de 44 milhões de estudos bíblicos e foram instrumentos para levar ao baptismo 450 000 pessoas.

★ No Nyanza Sul, Tanzânia, o nosso sistema de alto-falantes no município de Musoma levou os hinos e mensagens do interior do teatro para a multidão aglomerada no exterior e, pela rádio, para uma prisão vizinha, onde produziu tão grande transformação que as autoridades prisionais requereram que se realizassem reuniões dentro da prisão. Ali o nosso evangelista encontrou 29 presos que pediram o baptismo. Cerca de 100 pessoas assistiram à primeira reunião. Naquele mesmo campo da Tanzânia, no passado mês de Junho, houve 16 000 pessoas a assistir ao baptismo de 443 candidatos.

★ O garrido povo Masai, que vive normalmente de sangue, carne e leite, está-se decidindo pela mensagem em número cada vez maior. Foi recentemente consagrado ao ministério o primeiro obreiro da sua tribo, o Pastor Nambaso. Um chefe masai e toda a sua comunidade ofereceram-nos uma propriedade de 80 hectares de terreno para uma estação missionária, oportunidade única, não oferecida a mais ninguém. Que devemos fazer?

★ Na Colômbia, libertação da mulher significa evangelismo. Um grupo de irmãs numa igreja de Bogotá dirige semanalmente 15 escolas sabatinas filiais. Foi necessário 30 anos para alcançar os primeiros 10 000 baptismos na Colômbia, mas apenas 3 anos para conseguir mais 10 000 baptismos.

★ No Colégio de Montemorelos, no México, os estudantes ganharam, nos últimos dois anos, mais de 1100 pessoas à fé adventista.

★ Seis hindus de língua marati estavam ansiosos de se unir à Igreja. Queriam que os seus ídolos fossem sepultados publicamente com eles nas águas do baptismo. Caminharam com o pastor e os membros da igreja vários quilómetros até ao lugar onde havia um tanque. Mas estava vazio! Disseram: «Oremos a Deus por chuva». Apareceram densas nuvens e a chuva começou a cair. Mas notaram, admirados, ao regressar à cidade vizinha, que não havia caído ali nem uma gota de chuva.

★ Quando os homens do Espírito de Profecia apresentavam o seu relatório à Conferência Geral em Viena, W. P. Bradley, que dirigia a reunião, perguntou se havia alguém na assistência que tivesse visto pessoalmente Ellen G. White (ela morreu em 1915). Uma senhora levantou a mão, do fundo do auditório.

★ Nos países da América Central, durante os últimos cinco anos, uniram-se à igreja remanescente trinta e seis ministros protestantes, dois padres católicos e três freiras. Além disso houve seis congregações protestantes inteiras que passaram para a comunhão das Igrejas Adventistas do Sétimo Dia.

★ Está a desenvolver-se o trabalho entre os Índios Americanos. Em Abril deste ano, o chefe, mais 22 pessoas da tribo Lacandon, do Sul do México, foram baptizados.